

## CONFLITO DE GERAÇÕES NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DE RÉQUIEM PARA UM SONHO

Flávio Aurélio Tenório de Asevêdo (MLI – UEPB)\*<sup>1</sup>

Andréia da Silva Santos (MLI – UEPB)\*\*

### **RESUMO:**

*A história do filme Réquiem para um sonho (EUA/2000) explicita a conflituosa relação entre mãe e filho, quando esta se dá permeada pelos vícios e sonhos em ambos os personagens. O consumo de drogas lícitas e ilícitas conduz a narrativa fílmica e expõe o quão vulnerável e frágil é o domínio do ser humano sobre si mesmo e como as relações são mediadas por fatores externos de ordem social e midiática. Dessa forma, a partir do filme, este trabalho busca analisar a relação existente entre os personagens centrais, no que tange às diferenças entre as gerações no esteio do que é promovido e influenciado pela cultura vigente midiática e pós-moderna.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema, Drogas, Mídia, Conflito, Família

*La Historia de lá película Réquiem for a Dream (EUA/2000) explica La relación conflictiva entre madre y hijo cuando esto sucede impregnado de los vicios y los sueños de ambos personajes. El consumo de drogas lícitas y ilícitas lleva a La narración cinematográfica y expone lo vulnerable y frágil es el reino de los seres humanos sobre si mismos y como lãs relaciones estan mediadas por factores eternos y los médios de comunicación social. Por lo tanto, de La película, este trabajo analiza La relación entre los personajes principales, com respecto a lãs diferencias entre lãs generaciones en lo que promueve y es influenciado por La cultura actual de los médios de comunicación e por-moderna.*

**PALAVRAS-CLAVE:** Cine, Drogas, Medios de Comunicación, Conflicto, Familia

O filme 'Réquiem para um sonho', do ano 2000, faz parte do grupe de filmes considerados independentes, ou alternativos, designado pela expressão 'indie'. Apesar de não se ter uma definição específica sobre o termo, ele está mais direcionado para a questão da estética e manifestações abordadas, que mesmo, envolvido com o baixo valor investido para sua produção ou então a ausência de um elenco estelar.

Cinema independente é uma designação relativa, uma vez que geralmente é definido em relação a sua suposta antítese: o 'cinema de estúdio'. O termo independente não tem um significado universal,

---

\*Aluno do Mestrado em Literatura e Interculturalidade (Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)

\*\* Aluna do Mestrado em Literatura e Interculturalidade (Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)

sendo bem mais compreendido em relação a manifestações específicas de independência cinematográfica dentro de um contexto histórico e cultural em particular. Via de regra, porém, o cinema independente refere-se a uma determinada parcela da produção americana, na medida em que os EUA seriam o único país, ao menos no ocidente, em que uma indústria cinematográfica atua de forma mais evidente – e com alcance global. (BAPTISTA E MACARELLO, p. 235, 2008)

Para Schneider, o termo 'independente' tem um significado relativamente específico "que designa 'trabalhos diferentes do convencional ou mainstream, seja essa relação definida, a princípio, em termos econômicos (produção e distribuição), ou em termos estéticos ou estilísticos (com frequência atribuída como vanguarda" (SCHNEIDER, 2002)

De acordo com Morton (pag 193), pela análise dos chamados cineastas independentes, todos eles têm fortes laços com os estúdios de Hollywood e ainda assim produzem filmes "artisticamente válidos". "É preciso considerar também que, no universo das formas audiovisuais, o estatuto da significação está intimamente ligado à proposta 'estética' na obra". (MACHADO, 1997, p.192)

Estes cineastas produzem filmes que, apesar envolverem temas dos mais variados possíveis, são capazes de produzir discussões ou acrescentar algo a determinado assunto.

A forma dominante do cinema como diversão de cultura de massas é o que tem sido chamado o texto "clássico-realista" do cinema de Hollywood, derivado da adoção das técnicas e pressupostos realistas do romance e do teatro novecentistas. Por conseguinte, cumpre definir práticas alternativas do cinema, confrontando-as com o modelo hollywoodiano dominante e com as convenções narrativas que ele mantém. Em sua história do cinema clássico de Hollywood, David Bordwell e Janet Staiger distinguem três formas dessa prática variante: o "filme de arte" tipificado pela exploração da complexidade psicológica e da infusão na narrativa de uma espécie de expressividade autoral; o "filme de vanguarda", caracterizado por várias modalidades de rejeição da causalidade narrativa; e o "filme modernista", no qual sistemas espaciais e temporais vêm para o primeiro plano e partilham com a narrativa o papel de estruturadores do filme. (CONNOR, p. 142, 1993)

Diversos diretores ou cineastas se destacam na produção independente, até mesmo quando contam com poucos filmes em seus currículos. O diretor Darren Aronofsky é um deles. Com poucos filmes lançados, conquistou fama com produções desenvolvidas seguindo uma estética peculiar. Para ele, o seu segundo filme, 'Réquiem para um sonho' é "uma fábula macabra, moderna e urbana sobre a degradação, a obsessão humana com a evasão, a fuga de si mesmo e a necessidade de preencher um vazio. E nela, todos se perdem em si e uns dos outros". Por isso, assistir ao filme e mergulhar no mundo das drogas se torna uma experiência compartilhada entre personagens e telespectadores.

Seu primeiro filme foi o curta *Supermarket sweep* (1991), comédia sobre sociopatia realizada no curso de cinema de Harvard. Depois dos curtas *Fortune Cookie* (1991) e *Protozoa* (1993), Aronofsky rodou seu primeiro longa, *Pi* (1998). Filme de ficção científica, *Pi* é sobre um jovem gênio da matemática assediado pela máfia de Wall Street e por um grupo de judeus ortodoxos. Com fotografia claustrofóbica em preto-e-branco e ritmo angustiado, *Pi* já apresenta as 'sequências-refrão' típicas do cinema de Aronofsky, adotadas também em seu longa posterior, *Réquiem para um sonho* (*Réquiem for a dream*, 2000). Essas 'sequências-refrão' resumem procedimentos repetitivos dos personagens principais, tais como a ingestão de drogas ou medicamentos, denunciando o automatismo, a circularidade e a espiral de problemas que se abatem sobre suas vidas. (BAPTISTA E MACARELLO, p. 249, 2008)

A narrativa do filme é centrada na história do jovem Harry Goldfarb, sua mãe Sara, sua namorada Marion e seu amigo Ty e se baseia nos sonhos e na forma como a busca pela sua realização pode ser degradante para cada um dos personagens. O desejo de riqueza de Harry se confunde com seu vício em cocaína e, retratando experiências da vida real, mostra o personagem penhorando ou mesmo vendendo objetos de sua casa para conseguir dinheiro para comprar e consumir a droga. Em uma destas investidas, Harry penhora a televisão de sua mãe. Sara, por sua vez, sonha em participar de um programa popular da TV que oferece prêmios em jogos de perguntas e respostas.

Desta forma, o filme explicita a influência da cultura midiática na vida das pessoas e é ela que promove uma mudança na vida de Sara. Após receber um possível convite para ser uma das participantes do programa, Sara, em seu desejo de fama instantânea e conhecer o programa de perto, decide usar um vestido vermelho que usou em uma ocasião na qual 'aparentava' ter uma vida mais feliz, junto com o esposo, ainda vivo, e seu filho, uma típica e feliz família americana. Entretanto o vestido não cabe mais no corpo de Sara e ela procura um médico, que lhe receita anfetaminas, com efeitos estimulantes para o dia e tranqüilizantes no período noturno, o que a deixa completamente dependente deles. Aí, numa crítica ao sistema público de saúde, o filme mostra de que fora os médicos receitam remédios baseados apenas em uma 'pouca' conversa com a paciente, sem, nem mesmo, realizar qualquer exame.

A partir daí, o desenrolar do filme mostra como os sonhos e compulsões dos personagens são cruelmente tomados de si e como os vícios podem destruí-los. De acordo com Menezes (1998, p.51), "no mundo contemporâneo, as imagens ocupam um lugar social que não pode ser subestimado e são uma forma de expressão relacionada a como a sociedade se concebe visualmente". Desta forma, o cinema e outras artes visuais, reproduzem, através de imagens, o real. O filme expõe a sensação de vertigem e perda daqueles que se viciam em drogas, lícitas ou ilícitas

e, apoiando-se no suporte visual, é capaz de adquirir proximidade com quem o assiste, pela sensação de pertencimento, permitido pela imagem.

Vários filmes tentam mostrar, através dos roteiros e imagens, diversas formas de manifestação do uso das drogas na sociedade e família, seja sob a ótica da dependência, do narcotráfico, dos tratamentos de recuperação, da violência ou dos conflitos e crises familiares. Eles variam de acordo com os realizadores dos filmes, da indústria cinematográfica e da opinião pública, bem como, e talvez de forma mais contundente, de acordo com a evolução dos costumes nas diferentes culturas.

### **Réquiem e a linguagem de videoclipe**

Réquiem é um filme com estética e linguagem de videoclipe, apresentando características como a divisão da tela em mais de duas imagens e alternância e repetição delas continuamente, produzindo, muitas vezes, imagens fotográficas, desconexas e fora de contexto dentro da narrativa linear apresentada no filme. Esta técnica é chamada por Baptista e Mascarello de sequências-refrão, fazendo alusão às músicas e o seu refrão, repetido várias vezes durante a canção. As mesmas imagens do uso de drogas, bem como a trilha sonora são repetidas vezes apresentadas em todo a sequência do filme. No caso das imagens, elas substituem e servem para narrar o consumo real das drogas pelos personagens.

Antes do cinema havia a fotografia. Entre todas as espécies de imagens, a fotografia era a mais rica em índices de realidade (...). O cinema trouxe tudo de uma vez só, e – suplemento inesperado – não é apenas uma reprodução qualquer, plausível, do movimento que vimos aparecer, mas o próprio movimento com toda a sua realidade. Enfim, são imagens, aquelas mesmas da fotografia, que foram animadas por um movimento tão real que lhes conferiu um poder de convicção inédito, mas do qual só o imaginário se beneficiou, já que, apesar de tudo, tratava-se de imagem. (METZ, 2007, p. 28)

Além do sonho de riqueza de Harry e do desejo de magreza de sua mãe, Sara ainda sonha em ver seu filho feliz a casado. Sua namorada Marion deseja ter uma grife de moda e Ty que também é usuário de cocaína, trafica a droga e influência pra que o Harry também queira ganhar dinheiro com o tráfico. As drogas se tornam uma via de prazer e de dinheiro para os jovens e tratamento de emagrecimento para Sara.

### **Conflito de gerações e a permissividade do abandono**

Na dinâmica familiar do filme, fica evidente a cumplicidade e passividade vivenciada entre mãe e filho. O bom relacionamento entre eles – apesar do flagrante

distanciamento, causado possivelmente pela falta de identificação entre as gerações e seus costumes –, só é interrompido pelo aprofundamento dos vícios de cada um. Além de gerar discussões, o uso das drogas provoca mais distanciamento e passividade na relação entre os dois. Sara é permissiva em relação ao consumo de drogas de seu filho e por também ser viciada em anfetaminas, torna-se conivente com as atitudes dele. A permissividade pode ser explicada pelo medo de rejeição e abandono por parte de seu filho.

Harry por sua vez, também percebe o vício em anfetaminas de sua mãe, e consciente do mal produzido pelas drogas no organismo, alerta-a sobre os riscos e sente-se frustrado e não só responsável pela situação da mãe em relação às drogas, como também pela sua ausência. Durante uma conversa entre Harry e Marion, ele afirma que deseja dar um presente à mãe, como forma de 'compensação' pelas inúmeras vezes que roubou e penhorou sua televisão para conseguir dinheiro e de certa forma, se redimir de sua omissão.

No cerne do conflito entre as gerações representado no filme pelos personagens de mãe e filho, se situa a permissividade e falta de representatividade da figura materna como exemplo para o filho, como também a ausência de um pai. Com a perda do esposo e a chegada da juventude de Harry, Sara percebeu-se sozinha e, por isso, com medo de perder os raros momentos de contato com o filho, tornou-se permissiva com Harry. Após semanas distante da mãe, Harry lhe faz a visita, na qual demonstra o arrependimento pela própria ausência e afirma que para compensar isso, lhe dará uma nova televisão. "Olha, eu sei...bem...desculpe eu ter sido tão canalha. Queria compensar o que fiz. Sei que não posso mudar nada do que aconteceu. Mas quero que saiba que eu a amo...e...peço que me desculpe. E quero que seja feliz", disse para a mãe. Orgulhosa do comportamento do filho, Sara diz: "Está vendo Seymour (pai de Harry)? Está vendo como seu filho é bom? Sabe como é duro para a sua mãe viver completamente só. Sem que ninguém a visite".

Durante o encontro, Harry percebe que sua mãe está hiperativa e rangendo os dentes e pergunta se ela está tomando anfetaminas para emagrecer. Após a afirmativa dela, ele a pede que cancele o medicamento, pois pode tornar-se viciada. Neste momento ele mostra-se consciente de sua condição de usuário e viciado em drogas, mas que quer evitar que o mesmo ocorra com sua mãe, numa clara inversão de papéis, onde o filho, apesar de jovem inseqüente, tenta aconselhar sua mãe para os riscos das anfetaminas ao seu organismo. Esta ação entra em choque com sua própria educação desregrada e sem autoridade.

A geração adulta alimenta por vezes ainda a ilusão de poder superar a tensão à base da política do "faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço". Acontece que a juventude, que se rebela contra a autoridade

sob todas as suas formas, dedica um verdadeiro desprezo à autoridade sem moral. Reclamando para si a permissividade na qual foi educado, o jovem denuncia com veemência a hipocrisia. Recusa-se a aceitar conselhos sobre o modo de portar-se com sua namorada, se esses conselhos vêm de um pai que ele sabe ter uma amante. À defesa hipócrita dos valores, ele preferiu sua negação total. Há uma exigência de autenticidade radical nessa atitude do jovem, que constitui por si mesma uma séria e antiga advertência à geração adulta; sem o exemplo, é impossível educar. Só os valores encarnados numa vida autêntica têm chance de exercer alguma influência sobre os jovens e de restabelecer a base para o diálogo indispensável. (ÁVILA, 1981, p. 255)

### **Fragilidade, medo e a aparente liberdade da juventude**

A aparente independência vivida pelos dependentes em drogas evidencia os relacionamentos familiares da pós-modernidade. Enquanto mantém relações frágeis com seus familiares, vivem também em uma falsa independência. São ligados ao consumo das drogas, mas carentes de atenção familiar. O distanciamento e a pseudo-educação de pais para com os filhos é, em muitas das situações, o real motivo da busca por uma satisfação e contentamento, encontrado de forma superficial e momentânea, porém intensa, no que é proporcionado pelas drogas.

Na abordagem do consumo de drogas, é evidente a falta de conhecimento dos pais, que não percebem que as drogas lícitas, tais como, no caso, a anfetamina, também causam prejuízos. Este tipo de droga já está presente e permitida nos lares e tornou-se comum a sua utilização. Ao descobrir o uso de drogas ilícitas, o impacto causado na mente dos jovens, pode evidenciar conflitos já existentes, no entanto mascarados pela indiferença, falta de educação e instrução por parte dos pais.

Os jovens de hoje fazem a experiência exaltante de um surf na crista de um movimento oceânico que divide duas culturas, duas civilizações, talvez duas eras da história humana. Mas no fundo eles sentem medo. Eles se sentem sitiados por uma nova forma de solidão e que os lançou o conflito de gerações. (ÁVILA, 1981, p. 259)

O relacionamento entre mãe e filho também está presente nos demais personagens jovens. A Marion fala a respeito da ausência dos pais e da compensação disso com investimentos em estudos e dando-lhe dinheiro. O jovem traficante de drogas Ty, durante um encontro com a namorada, recorda-se de um momento com sua mãe, ainda durante a infância, com aproximadamente cinco anos. “Estou dizendo mãe Um dia chego lá”, diz. E ela responde: “Não tem que chegar lá, amor. Só tem que amar sua mãe”. Percebe-se sua angústia diante do fato de estar envolvido com drogas e ter seguido um caminho não desejado por sua mãe.

O conflito entre diferentes gerações é uma realidade promovida, em parte, pelos avanços tecnológicos, a influência da mídia e do contexto em que estão inseridos os indivíduos. A mídia passa a atuar modelando a vida das pessoas de

diversas maneiras, rompendo fronteiras culturais e sociais, através de uma "intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo à milhas de distância" (GIDDENS, 1991, p.68)

O cinema, por meio da linguagem e imagem inerente ao suporte propicia a reflexão, valores e normas incorporadas no hábito das pessoas contemporâneas. Em Réquiem para um Sonho - um filme que retrata o mundo das drogas dentro de uma linguagem moderna, ousada e realista - diferentes gerações, aqui entendidas a partir da relação mãe-filho, convivem de forma conflitiva, porém partilham da mesma situação, no que tange ao consumo das drogas. As perspectivas de realização dos sonhos das personagens são as mesmas, independente da idade e geração deles, bem como o processo de vício e ruína por eles vivenciados.

O filme possibilita uma análise sociológica sobre a temática da droga em ambiente familiar, pois retrata valores sociais acerca do consumo de drogas em diferentes épocas e culturas. Apesar de não funcionar com o objetivo de passar lições de moral, pelo fato de o filme expor de forma bastante cruel os efeitos das drogas nos dependentes, pode ser entendido dentro desta perspectiva.

O termo 'cultura jovem' tem sido usado para descrever a maneira por meio da qual os adolescentes procuram estabelecer identidades próprias e diferentes das de seus pais. Os valores, crenças e prioridades que eles assumem são muito diferentes dos adultos, contribuindo para o conflito de gerações. "O termo 'conflito' acrescenta também a noção de que a separação entre adolescentes e pais é o resultado de diferenças irreconciliáveis: nós não os compreendemos e eles não nos compreendem" (MARSHALL, 1947, p. 139). Em Réquiem, a perda da noção de responsabilidade e autoridade dos pais, é perceptível a partir da mudança de referencial pelo qual os jovens se submetem, ou são submetidos, considerando, por exemplo, como conselheiros, seus amigos e pessoas na mesma faixa etária.

Será que eles se sentam aos nossos pés para apanhar pérolas de sabedoria que jogamos em sua direção, ou será que procuram os conselhos dos amigos, na crença de que estamos fora de alcance, ultrapassados e que somos, de certa forma irrelevantes. (MARSHALL, 1947, p. 140)

Para o autor, a busca por novas fontes de aconselhamento estão relacionadas às necessidades particulares e dos assuntos que estão sendo resolvidos. Na temática das drogas, assim como educação, trabalho e sexo, ele afirma que pais e adolescentes tende a ter atitudes defensivas similares. E é exatamente o que é exposto no filme.

Apesar de estar viciado em drogas, Harry tenta evitar que sua mãe também seja viciada em algum tipo de droga, no caso dela, a anfetamina.

A mídia, como fator determinante para uma cultura baseada no esteio do que ela promove, influencia e conduz os personagens à busca de dinheiro, fama e enriquecimento rápido, independente dos meios para a sua conquista. No mais, a solidão e passividade perante à vida, assim como na música 'Panis et Circenses', composta por Caetano Veloso há mais de quarenta anos, afirma "as pessoas na sala de jantar tão ocupadas em nascer e morrer", leva a personagem de Ellen Burstyn (Sara) a encontrar na televisão um suporte e meio para suprir suas carências afetivas. A partir de sua programação, Sara é influenciada a querer participar do programa, o que a leva ao vício em anfetaminas, tendo em vista seu desejo de estar na tela magra e visualmente bonita e bem vestida.

A relação entre mãe e filho está no cerne da discussão sobre o consumo e vício e drogas abordada no filme. A cena final expõe de forma contundente, porém poética, a necessidade de tal relação, tendo em vista, o movimento de todos os personagens direcionando-se para a posição fetal, o que indica o local onde eles estariam seguros e felizes, e único refúgio mesmo após as tragédias pelas quais cada um deles passou.

### **Referências Bibliográficas**

ÁVILA, Pe. Fernando Bastos de. Introdução à sociologia. Ed. Ediouro Publicações S/A. 1981.

CONNOR, Steven. Cultura pós-moderna. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1993.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas & Pós-cinemas. Campinas – SP: Papyrus, 1997.

MARSHALL, Peter. Agora entendo por que os tigres devoram seus filhotes. Edições Loyola, 1947.

MELEIRO, Alessandra. Cinema no Mundo: Estados Unidos. Volume 4 de Cinema no mundo: indústria, política e mercado. Ed. Escrituras Editora, 2007.

NUNES FILHO, Pedro. As relações estéticas no cinema eletrônico: um olhar intersemiótico sobre a Última Tempestade e Anjos da Noite. João Pessoa, Natal Maceió. Editora Universitária UFPB, UFAL e UFRN, 1996.

### **Filme:**

RÉQUIEM PARA UM SONHO (Original: Requiem for a Dream). Produção de Eric Watson e Palmer West, Direção de Darren Aronofsky, Roteiro de Darren Aronofsky, baseado

em livro de Hubert Selby Jr. Estados Unidos. Estúdios: Artisan Entertainment / Industry Entertainment, Distribuidoras: Artisan Entertainment / Summit Entertainment. 2000. 1 DVD (102 min), gênero: drama; colorido; som dolby-digital 2.1 e 5.1; áudio em inglês; legendas em português, inglês e espanhol.